

K-POP. OS REFLEXOS DO HIBRIDISMO CULTURAL NA IDENTIDADE E NA MÚSICA POPULAR COREANA

K-POP: LES REFLETS DE L'HYBRIDATION CULTURELLE DANS L'IDENTITÉ CORÉENNE ET LA MUSIQUE POPULAIRE

K-POP: LOS REFLEJOS DEL HIBRIDISMO CULTURAL EN LA IDENTIDAD Y LA MÚSICA POPULAR COREANAS

Camila Alonso Milani

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal

RESUMO: O presente artigo procura analisar como o K-pop, (sub) gênero musical nascido na Coreia do Sul, é capaz de retratar reflexos de hibridismo cultural na música pop e na identidade sul-coreana. Para tal, foi realizado levantamento de fatos e dados históricos que demonstrassem a supressão identitária cultural sofrida pelo povo coreano ao longo dos séculos, até a sua consolidação como nação independente. Depois, a partir do contexto pós-guerra, é feita análise da influência norte-americana na trajetória do país na música e na construção de sua cultura pop. Por fim, investiga-se o papel de todas estas interferências na solidificação da identidade sul-coreana, bem como o papel da globalização na instauração da subcultura K-popper e da nova posição do país peninsular perante o mundo.

Palavras-chave: K-pop, Coreia do Sul, identidade cultural, hibridismo cultural, globalização, música pop.

ABSTRACT: This article seeks to analyze how K-pop, (sub) musical genre born in South Korea, is able to portray reflexes of cultural hybridism in pop music and in South Korean identity. To this end, a survey of facts and historical data was carried out to demonstrate the cultural identity suppression suffered by the Korean people over the centuries, until its consolidation as an independent nation. Then, from the post-war context, an analysis is made of the North American influence on the country's trajectory in music and in the construction of its pop culture. Finally, the role of all these interferences in the solidification of the South Korean identity is investigated, as well as the role of globalization in the establishment of the K-popper subculture and the new position of the peninsular country in the world.

Keywords: K-pop, South Korea, cultural identity, cultural hybridism, globalization, pop music.

RÉSUMÉ: Le présent article cherche à analyser comment la K-pop, (sous-)genre musical né en Corée du Sud, est capable de dépeindre des reflets de l'hybridation culturelle dans la musique pop et l'identité sud-coréenne. À cette fin, une enquête sur les faits et les données historiques a été menée pour démontrer la suppression de l'identité culturelle subie par le peuple coréen au cours des siècles, jusqu'à sa consolidation en tant que nation indépendante. Dans le contexte de l'après-guerre, l'influence nord-américaine sur la trajectoire du pays en matière de musique et dans la construction de sa culture pop est analysée. Enfin, le rôle de toutes ces interférences dans la solidification de l'identité sud-coréenne est étudié, ainsi que le rôle de la mondialisation dans l'établissement de la sous-culture k-popper et la nouvelle position du pays péninsulaire devant le monde.

Mots-clés: K-pop, Corée du Sud, identité culturelle, hybridité culturelle, mondialisation, musique pop.

RESUMEN: El presente artículo pretende analizar cómo el K-pop, (sub)gênero musical nacido en Corea del Sur, es capaz de retratar los reflejos del hibridismo cultural en la música pop y la identidad surcoreana. Para ello, se ha realizado un estudio de hechos y datos históricos que demuestran la supresión de la identidad cultural sufrida por el pueblo coreano a lo largo de los siglos, hasta su consolidación como nación independiente. En el contexto de la posguerra, se analiza la influencia norteamericana en la trayectoria del país en la música y en la construcción de su cultura pop. Finalmente, se investiga el papel de todas estas interferencias en la solidificación de la identidad surcoreana, así como el papel de la globalización en el establecimiento de la subcultura K-popper y la nueva posición del país peninsular ante el mundo.

Palabras-clave: K-pop, Corea del Sur, identidad cultural, hibridación cultural, globalización, música pop.

1. Dominação, guerras e a identidade nacional coreana

Para podermos entender o que é o K-pop e tudo o que o movimento representa para a Coreia do Sul nos dias atuais, faz-se primordial uma primeira análise, mesmo que de forma breve, à história do país asiático e do que de fato é a cultura coreana. De acordo com Appadurai (1996:44) “As duas principais forças de interação cultural duradouras antes desse século foram a guerra e as religiões”, ou seja, antes de podermos falar no termo “globalização”. Portanto, este olhar ao passado se faz crucial, não só para identificar as raízes e influências desta música popular em si ou datar a sua concepção, mas também, como o histórico de guerras e de dominação do território da Península Coreana reflete-se, desde as batidas e as letras que compõem a musicalidade do K-pop, bem como nos artifícios políticos por trás da *Hallyu*⁵⁸.

Ao longo dos séculos, muito antes de existir a possibilidade de separação de seu território entre norte e sul por consequência da Segunda Guerra Mundial, a Coreia sempre sofreu com dominações de diversas nações do extremo leste asiático, em especial, da China. Muito antes do surgimento do Cristianismo, a datar do período Neolítico, os chineses frequentemente utilizaram o seu poderio e influência sobre os coreanos (Lew, 2000). É válido, inclusive, levarmos em consideração que “os coreanos são etnicamente e linguisticamente distintos dos chineses (Han)⁵⁹ sendo pertencentes ao ramo tungúsico⁶⁰ da raça mongol” (Lew, 2000: 6). No entanto, apesar deste contexto histórico, a sua cultura assemelha-se de forma intrínseca à chinesa.

O período dos Três Reinos – época marcada por séculos de conflitos entre os reinos de Silla (57 a.c – 935 d.c), Goguryeo (37 a.c – 668 d.c) e Baekjae (18 a.c – 660 d.c), que disputavam a soberania da região Península Coreana – foi fortemente influenciado pela China (Kwon, 2010), devido à sua atuação direta tanto na formação e construção destes reinados e de outras colônias, como nos confrontos entre estes e demais povos daquela região continental. É importante ressaltar que o período em questão é de extrema importância para a história da Coreia como um todo, uma vez que antecedeu e abriu portas para a concepção da identidade e cultura coreana, séculos depois (Koudela & Yoo, 2014:7-8).

Durante todo este período, a Península Coreana sempre enfrentou períodos de constante instabilidade política e cultural, pois cada um dos reinos tinha suas próprias relações com outras nações: “Baekje costumava aliar-se ao Japão em suas relações tributárias, e Silla tendia a ser aliada à China. Goguryeo preferia ser independente

⁵⁸ Termo que começou a ser utilizado em meados de 1990, por jornalistas de Pequim, para se referir às repercussões e crescimento da mídia popular coreana pela Ásia (Kim, 2011)

⁵⁹ Apesar do país ser conhecido internacionalmente como “Korea”, no idioma coreano, quando se fala em Coreia do Sul, denomina-se “Hanguk”.

⁶⁰ A língua tungúsica é proveniente de regiões da Sibéria e Manchúria.

quando possível, mas muitas vezes entrava em alianças por razões estratégicas” (Rhode, 2020:11-12). Portanto, além destes conflitos internos, a região de servir de palco para confrontos entre as grandes potências locais da época: China e Japão (Rhode, 2020:12). Por volta de 918 d.c, com guerras civis começando a aparecer e já com um enfraquecimento de tais reinados, houve a criação do reino de Koryo ou Goryo, cuja sua relevância histórica está em, justamente, dar início ao que conhecemos como Coreia, na atualidade (Lew, 2000). Ainda de acordo com o autor, o reinado em questão estreitou as relações diplomáticas com a China, que passou a disseminar sua cultura através da literatura, história e filosofias confucionistas (Lew, 2000: 13). No entanto, ainda que a China tentasse exercer influência sobre o governo de Koryo, o Budismo já estava emaranhado à sociedade civil do reino, dando início a manifestações artísticas como a cerâmica, que conferiram certa relevância ao Estado (Lew, 2020:13). Este choque ideológico deu origem, em 1170, a um golpe de estado que iniciou um governo ditatorial de generais chineses sobre os coreanos e que só teve fim em 1270 quando mongóis, em expansão do seu império pela China e Eurásia, invadiram o território (Lew, 2020:13).

A Península Coreana continuou sendo cenário de conflitos por quase 100 anos durante a ocupação mongol, marcada pela participação forçada dos coreanos em invasões ao Japão (Lew, 2020:15). O fato de Koryo estar sob o domínio da Mongólia significou não só a expansão territorial do país mongol, mas também, maior influência cultural na região. Este contexto gerou, mais uma vez, uma disputa local, culminado num golpe de estado realizado pelos chineses e que deu origem a uma nova dinastia coreana, a Choseon (Lew, 2020:15).

Apesar do país se encontrar novamente subjugado à cultura de outra nação, esta promoveu marcos importantes na história coreana, tais como a estabilidade sociopolítica através da promoção de um sistema educacional baseado no Confucionismo, o surgimento de importantes intelectuais, e a construção de Hanyan (atual Seul) (Lew, 2020:15-16). É interessante considerar que a dinastia Choseon durou mais de cinco séculos, sendo a última em vigor no país. Apesar deste período e da influência chinesa terem sido importantes para o desenvolvimento local naquela época, é importante frisar que a identidade cultural coreana era delimitada e estabelecida pela China, uma vez que ainda não possuía autonomia. Nesta altura, a Coreia sequer possuía um alfabeto próprio, sendo ele criado apenas no século XV, pelo rei Sejon (Lew, 2020:16). Até então, a comunicação escrita era feita através de ideogramas chineses.

Entre o século XV e o XIX, o país continuou a ser um local de conflitos entre as nações do extremo leste asiático. A Primeira Guerra Sino-Japonesa, já em 1894, foi justamente ocasionada pela tentativa de dominação da Península Coreana por ambos países que, assim como outras nações de toda a Ásia, enfrentavam invasões de países europeus e esforços de colonização e, assim, aumentar seu poder de influência

(Greve & Levy, 2018). A disputa pelo território coreano resultou na queda do domínio chinês e, agora, a Coreia encontrava-se sob poderio nipônico.

A anexação da Coreia pelo Império Japonês foi de fato oficializada em 1910, após o tratado Japão-Coreia, porém, as ocupações tiveram o seu início mais cedo. Sob uma filosofia de “a assimilação cultural é aculturar o colonizado no colonizador através da educação e inculcar em seus súditos a identificação com o suserano” (Suzuki, 2003:15), o Japão instaurou um regime de violência e supressão ao país peninsular. Os coreanos foram enviados a campos de concentração, onde eram submetidos a condições análogas à escravidão e tiveram toda e qualquer manifestação de cultura nacional proibidas. A exemplo dos banimentos, podemos citar a música, a literatura e, até mesmo a própria língua coreana em si. Além disso, os japoneses impuseram a política do *soshi-kaimet*⁶¹ onde os nomes de origem coreana eram proibidos e substituídos por nipônicos (Suzuki, 2003:17).

A supressão japonesa na Coreia perdurou por cerca de três décadas. Durante este período, além da ocupação territorial, o Império Japonês enviava mulheres para trabalharem e servirem de maneira forçada ao exército nipônico em suas nações adjuntas, durante a Guerra do Pacífico (Min, 2003). Este regime de horror só teve seu encerramento com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando o Japão se rendeu aos Aliados após o bombardeio e destruição em massa das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. Com a economia japonesa completamente arrasada e o país sucumbido ao exército norte-americano, a Coreia deixava de ser uma colônia do arquipélago e, agora, passava a ter seu território dividido entre a União Soviética – que já ocupava a região da Manchúria – e os Estados Unidos.

Como resultado da Guerra Fria, a divisão pelo Paralelo 38 separou o país em norte e sul. Na Coreia do Norte foi adotado um regime comunista, de influências da URSS, enquanto a Coreia do Sul, capitalista, recebia influências norte-americanas. Mais uma vez na história, instaurava-se um conflito pela legitimidade de um governo na Península e em 1950 foi declarada a Guerra da Coreia. Apoiados pelas respectivas potências da época, ambos os territórios passaram a competir pelo governo total do país. Após invasões ilegais do Norte ao Sul, a Organização das Nações Unidas intervém de modo bélico e exige cessar-fogo. A partir desta influência, em 1953, é assinado um armistício de trégua à guerra (Senhoras & Ferreira, 2013). É válido ressaltar que após a assinatura do documento, mais nenhum outro acordo de paz foi feito, ao longo do tempo. Portanto, podemos interpretar que a Guerra da Coreia perdura até os dias atuais.

⁶¹ Campanha de mudança de nome adotado pelo Império Japonês sobre o Japão, onde os nomes de origem coreana eram proibidos, de forma a ter uma única língua nacional (Suzuki, 2003:17).

2. Música popular coreana: da influência norte-americana ao K-pop

Partindo da divisão e concepção do que é Coreia do Norte e Coreia do Sul, e da passagem pelo histórico de guerras e supressão cultural na Península, podemos iniciar e analisar os fatores e acontecimentos que deram origem a música popular coreana, até chegar ao termo K-pop. Na Coreia do Sul no contexto pós-guerra, ainda com a presença de ocupações norte-americanas. De acordo com Kim (2011), a música coreana passou por grandes transformações depois que a colonização japonesa acabou. Até este período, as canções eram traduzidas a partir do japonês e toda a sonoridade utilizada era vinda da cultura popular japonesa. Após o fim da Segunda Guerra e com forte influência dos Estados Unidos, houve a instauração de um novo cenário no que tange o surgimento de diferentes musicalidades e manifestações culturais. Neste período, era frequente que a Organização das Nações Unidas promovesse a visita de artistas norte-americanos ao país asiático para entreter e fornecer suporte às tropas que ocupavam o território. O som de músicos como Nat King Cole, Louis Armstrong e Marilyn Monroe trouxeram a Coreia do Sul o jazz, o blues e ritmos mais dançantes.

Em 1957, as forças dos EUA começaram seu serviço de rádio, American Forces Korea Network (agora AFN-Korea). Esta estação teria um papel importante na importação da cultura pop americana. Durante esse período, a influência dos Estados Unidos no pop coreano assumiu duas formas - uma grande mudança no estilo musical da escala pentatônica para o heptacórdio ocidental e a criação da música pop coreana baseada no pop ocidental. (Kim, 2011: 50).⁶²

É interessante levar em consideração que neste momento da história, os coreanos passavam por uma difícil realidade econômica e financeira. Por isso, com a cultura popular americana cada vez mais presente na Coreia do Sul, não demorou muito até que houvesse um interesse não apenas no âmbito do entretenimento dos nacionais em relação à música estrangeira. Com a abertura de clubs americanos, músicos e artistas sul-coreanos começaram a ser recrutados através de audições para se apresentarem (Kim, 2011). Este tipo de método para a prospecção de novos talentos é visto no país peninsular até hoje e é uma característica marcante do K-pop como o conhecemos – e analisaremos mais adiante. A música e o entretenimento ganharam novas dimensões dentro da Coreia do Sul. Além da entrada de novos ritmos no país, como o rock e o R&B, em pouco tempo, concertos de artistas sul-coreanos para o exército americano tornaram-se muito populares e, também, rentáveis.

⁶² Texto original: In 1957, the US forces began their radio service, American Forces Korea Network (now AFN-Korea). This station would play a leading role in importing American pop culture. During this period, the US influence on Korean pop took two forms— a major shift in musical style from the pentatonic scale to the Western heptachord, and the creation of Korean pop music modeled on Western pop.

Através da rápida reconstrução do país no período pós-guerra, a década de 60 iniciou-se com acelerado processo de urbanização na Coreia do Sul. A nação pôde experimentar a ascensão de sua indústria cinematográfica, bem como as influências e tendências culturais inerentes à época vigente. Entre estes, podemos citar o surgimento dos Beatles e, conseqüentemente da Beatle Mania – movimento que não apenas ditava as novas formas de fazer música na indústria fonográfica, mas também a moda e o estilo. Assim como no resto do mundo, o país peninsular também vivenciou os desdobramentos deste marco da música. Este período foi determinante, por exemplo, para o surgimento das primeiras bandas de rock sul-coreanas, os Add4 e os KeyBoys (Kim, 2011).

No final desta mesma década e início dos anos 1970, a Guerra do Vietnã e o movimento Hippie serviram de inspiração para muitas canções no âmbito global. Na Coreia do Sul não foi diferente. O chamado “movimento jovem” nascido entre a elite universitária sul-coreana foi um marco no que se refere à educação, ideologia e estilo. Enquanto a geração passada havia vivenciado a supressão japonesa e uma política de repressão cultural, os jovens do período pós-guerra experimentavam a cultura norte-americana e uma nova forma de expressão, que pôde ser vista tanto na moda e no estilo de vida, como na música (Kim, 2011). Através do folk, os sul-coreanos cantavam sobre aceitação, relacionamentos e a vida em sociedade – temáticas fortemente presentes nos movimentos culturais do ocidente. Logo, esta tendência ainda represada na elite, foi amplamente disseminada na cultura popular como um todo, consolidando-se ao longo das próximas duas décadas.

Foi em meados de 1990, em meio às baladas românticas que dominavam a Coreia do Sul na década de 1980, que surgia uma nova geração e uma nova rítmica. O grupo Seo Taiji & Boys foi o precursor da música pop coreana como a conhecemos nos dias atuais (Oh & Lee, 2014). O trio causou grande impacto no público por trazer diferentes sonoridades em suas músicas e adicionar elementos de determinante importância para a identificação do K-pop e que o marcam como estilo musical (Kim, 2011: 63). Além da adição de ritmos não usuais a então indústria fonográfica sul-coreana como o *hip-hop*, o *punk* e a música eletrônica, foi adicionada uma característica marcante: a dança (Kim, 2011: 65).

A nova musicalidade proposta pelo grupo foi muito bem aceita pelas gerações mais jovens da época, fato que abriu caminho para o surgimento de novos artistas. Com o sucesso entre os adolescentes e o crescente mercado de discos, empresas de entretenimento enxergaram no novo estilo musical uma oportunidade de negócios. Estas companhias criaram seu próprio sistema de agenciamento de artistas, fazendo uso do mesmo modelo de audições utilizado pelos clubs americanos no período pós-guerra (Kim, 2011: 11). Além de selecionarem os melhores talentos, as empresas ficavam responsáveis não apenas pela agenda de apresentações e lançamento de novas músicas, mas também por “fabricar” os melhores artistas, através do treino

incessante de dança, canto, idiomas, entre outros. Com isso, podemos datar como marco da Primeira Geração do K-pop o *debut* [estreia] do grupo H.O.T, em 1995, promovido pela *SM Entertainment* (Kim, 2011: 64).

No que se refere ao contexto vigente na Coreia do Sul da época, podemos observar um país já consolidado economicamente. Através de altos investimentos em melhorias no sistema educacional e em tecnologia, a nação já possuía um índice de analfabetismo baixíssimo e despontava exportações no mercado asiático (Na, 2008). Porém, em 1997, uma grande crise econômica abalou todo o leste e sudeste do continente, fazendo com que as dívidas externas das nações da região aumentassem drasticamente. A Coreia do Sul foi um dos países mais afetados pelo colapso histórico. Para manter sua estabilidade, o governo sul-coreano decidiu diversificar seus produtos de exportação e passou a investir arduamente em produções artísticas e culturais, para que estas atingissem e fossem consumidas pelos países vizinhos.

Este momento da história foi determinante para a atual política externa sul-coreana, tanto no que se refere ao poderio econômico, quanto em influência internacional. Tal reorganização nos investimentos em novos produtos para exportação foi altamente rentável. Os filmes, as músicas, jogos e novelas do país asiático, ou seja, produções culturais nacionais, não só ganharam espaço, como se consolidaram como produto a ser consumido por toda a Ásia oriental. Nações como China, Japão, Tailândia, entre outros, foram fortemente impactadas pelas produções da Coreia do Sul. É neste momento que surge a *Hallyu* ou a onda coreana [korean wave] – alcunha criada pela imprensa chinesa para referir-se ao sucesso e crescimento da mídia sul-coreana pelo continente (Kim, 2011).

Ter produções culturais nacionais como produto de exportação foi um marco para a Coreia do Sul. No que tange a economia interna, as empresas de entretenimento passaram a aprimorar as técnicas de treinamento e políticas de investimento em novos talentos e artistas para, assim, promover o lançamento de grupos que atingissem não somente o mercado sul-coreano, mas o asiático como um todo. Para a política internacional, ter um produto nacional que independa de investimento estrangeiro para ser produzido e que interfira na construção de gostos e interesses de outras nações, torna-se cada vez mais atraente à medida que se aumenta o valor despendido para o seu consumo e a sua influência como cultura popular.

3. K-pop: Indústria criativa e fenômeno cultural

A imagem de um país é extremamente importante quando falamos de reputação e influência política. Apesar de seu rápido crescimento econômico, excelente sistema educacional, baixíssimos índices de analfabetismo e investimentos em tecnologia, a Coreia do Sul ainda carrega consigo uma figura pouco cosmopolita, muitas vezes confundida por algumas nações ocidentais com a vizinha Coreia do Norte e de

relações internacionais nichadas ao continente asiático. Preocupada com a dissociação do histórico de guerras e de práticas tradicionais de má repercussão no exterior, principalmente no que se refere a Europa e Américas, a Coreia do Sul vem se demonstrado um expoente quanto à exportação de sua cultura pop. Se a *Hallyu*, durante a década de 1990, referia-se a repercussão da mídia sul-coreana pela Ásia, agora, também se refere a sua exportação para o mundo todo (Ravina, 2009).

O K-pop é um dos exemplos de como a globalização tem proporcionado a renovação das identidades culturais, transformando estilo de vida em mercadoria e a cultura em indústria. Junção das palavras 'Korea' e 'Pop', o estilo musical ganhou projeção em escala global devido ao seu apelo imagético. Com uso excessivo de cores fortes e vibrantes, somadas a coreografias complexas e sincronizadas, espalhou-se de forma viral pela internet, de modo a atingir 80% de sua audiência fora da Coreia do Sul (Bloomberg Businessweek, 2014).

O hit "Gangnam Style", lançado em 2012 pelo cantor PSY, foi um marco para o K-pop, uma vez que foi a primeira música do (sub) gênero a alcançar expressiva repercussão no mercado ocidental, quando a música viralizou na internet. Com uma coreografia inusitada e batida contagiante, foi o primeiro vídeo no *YouTube* a atingir mais de 1 bilhão de visualizações. Desde então, o K-pop mantém sua constante no mercado internacional. Sua projeção tem se tornado cada vez maior ao longo desta década, sendo uma das indústrias fonográficas que mais cresce no mundo. A *Forbes*⁶³ (2020: n/p) aponta que, mesmo com o cenário da COVID-19, onde houve um declínio global na compra de álbuns físicos, a realidade no mercado sul-coreano foi completamente diferente: mais de cinco álbuns de diferentes do gênero musical alcançaram mais de 1 milhão de cópias em vendas, sendo que o grupo BTS – maior grupo de K-pop da atualidade – sozinho, registrou cifras que ultrapassam os 4 milhões.

O desempenho em solo coreano é refletido em números de escala global: de acordo com dados do próprio Ministério da Cultura da Coreia do Sul, os lucros do K-pop ultrapassam os US\$ 4,7 bilhões ao ano. Apenas em 2018, a indústria musical coreana cresceu cerca de 17,9%⁶⁴. Em um curto espaço de 10 anos – 2007 a 2017 – a indústria fonográfica do país asiático saltou da 30ª posição para a 6ª, de modo a ultrapassar outros mercados em ascensão, como o brasileiro, por exemplo⁶⁵.

⁶³ Para mais informações, consultar: <https://www.forbes.com/sites/tamarherman/2020/07/21/k-pop-album-sales-grow-in-2020-despite-corona-pandemic/?sh=21fc32b4458d>

⁶⁴ Dados concedidos pelo Ministério da Cultura da Coreia do Sul e disponibilizados pelo G1. Para consulta em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-investiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>

⁶⁵ Informação retirada do IFPI – International Federation of the Phonographic Industry. Disponível em: https://www.ifpi.org/wp-content/uploads/2022/04/IFPI_Global_Music_Report_2022-State_of_the_Industry.pdf

De acordo com Mattos (2017: n/p) "o fenômeno da Korean Wave deve grande parte de seu sucesso internacional à profusão da era digital". O K-pop é um gênero musical visual, suas coreografias e videoclipes são pensados para seguirem determinados conceitos que, posteriormente, serão largamente difundidos em publicidades, produtos licenciados e em outras plataformas midiáticas, tornando-os tão importantes quanto a musicalidade em si (Milani & Guerra, 2021).

De teasers e imagens que cercam os cliques, às coreografias cativantes e seus enredos, os lançamentos musicais dessas empresas de música atraem o público através de várias plataformas de mídia. O K-pop nubla a linha entre anúncios e produtos, tornando o comercial tão cobiçado e impressionante como o próprio produto (Aswords, 2013: n/p, tradução nossa).⁶⁶

O K-pop enquanto produto é pensado além de um estilo musical. As empresas de entretenimento sul-coreanas – responsáveis pelo agenciamento, treinamento e divulgação dos artistas – utilizam um método chamado de “mídia fluída”, onde o marketing das campanhas publicitárias será transmidiático, ou seja, acontecerá em multi-plataformas e de maneira complementar. No entanto, o principal ator que levará o conteúdo de uma mídia a outra é a audiência. Desta forma, podemos afirmar que um dos pilares fundamentais ao K-pop é o Marketing Colaborativo, uma vez que, de acordo com Alves e Baravelli (2019) aumenta a proximidade entre os consumidores e as marcas, de modo ao próprio público partilhar a mensagem. O fã tem papel ativo no mundo do K-pop, ele não é um consumidor passivo, que apenas é um receptor de conteúdo. A indústria pop sul-coreana preocupa-se em influenciar interesses e comportamento, e procura estreitar os laços entre os artistas e os fãs através ações de marketing como *fansigns*⁶⁷, sessões de autógrafos, lives, entre outros (Guerra & Sousa, 2021).

Para Jenkins (2015: 91-92), "ser fã é um estilo de vida". Atraído por um determinado estilo de vida, partilha o fanatismo por algo ou alguém. Para definir e diferenciar a formação desta comunidade das demais se utiliza a palavra "fandom". Com a globalização e digitalização dos meios de comunicação, a interação entre os membros de fandoms têm modificado formas e concepções do consumo midiático. Instaurou-se uma nova forma de busca pela experiência e de interação com o entretenimento, que não fica restrita a apenas um meio. A este fenômeno dá-se o nome de "Convergência de mídias".

⁶⁶ Texto original: From teaser pics and BTS footage surrounding the music videos, to the catchy choreography and heart wrenching stories within them, even the musical releases of these music companies appeal to audiences through multiple media platforms. K-pop blurs the line between advertisements and products by making the commercial nearly as coveted and impressive as the product itself.

⁶⁷ Encontro entre fã e os artistas, geralmente organizada pela empresa responsável pelo gerenciamento dos grupos de K-pop. Neste tipo de evento, o fã tem a oportunidade de conseguir autógrafos, entregar algum presente ao seu artista favorito, etc.

No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia. Define um comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (Jenkins, 2015: 29).

No K-pop, apesar de todo o cortejo e incentivo ao consumo, o fã possui papel ativo no movimento e possui características próprias, que o difere de outros fãs, pertencentes a outros fandoms, presentes no mesmo gênero musical (Guerra & Alvarez-Cueva, 2021). O estímulo pela interação com os ídolos e da sensação de sentir-se importante é marca registrada no mundo do K-pop.

Os fãs levam seus papéis incrivelmente a sério e são ativamente responsáveis pelo sucesso ou fracasso dos grupos de K-pop. Existe uma conexão efetiva entre os ídolos e suas bases de fãs, que é formalizada e meticulosamente mantida pelas empresas K-pop. Fandoms possuem nomes específicos, cores, cantos, handsigns, estilos e símbolos para se identificar (Aswords, 2013: n/p).⁶⁸

O modelo de negócios utilizado é intensificado graças à profusão da Era Digital e ao crescimento das redes sociais. É um método vantajoso para as empresas, uma vez que o consumidor assume papel de comunicador e, até mesmo, de influenciador. Além disso, permite a propagação da mensagem de maneira segmentada e muitas vezes exclusiva, de modo a atingir a audiência desejada (Alves & Baravelli, 2019). O investimento na *Hallyu* e na sua exportação para o mundo é feita através de parceria público-privada. De acordo com o discurso da entrevistada Gil-Hwa Jung⁶⁹, o K-pop pode ser visto por dois diferentes aspectos: indústria econômica e fenômeno cultural. No âmbito econômico, o investimento fica à cargo das empresas de entretenimento. Elas enxergam o gênero musical como algo lucrável, possuem ações na bolsa de valores e são responsáveis por toda a parte de agenciamento, desenvolvimento e promoção dos grupos de K-pop. Já o governo coreano, vê a sua música pop como um movimento pertencente à *Hallyu*, ou seja, como um fenômeno cultural a ser exportado.

Segundo Lee (2009), a Coreia do Sul mudou sua política diplomática nos últimos anos. Por conta da Guerra da Coreia, a postura do país possuía um forte apelo militar devido à instabilidade política e econômica vigente. Com seu rápido desenvolvimento e necessidade de melhorar sua imagem perante outros países e nas relações internacionais. Ao fim dos anos 1980, a Coreia do Sul passou a tomar

⁶⁸ Texto original: Fans take their roles incredibly seriously and are actively responsible for the success or failure of K-pop groups. There's a dramatic connection between the Idols and their fanbases, one that is formalized and meticulously maintained by Kpop companies. Fandoms have specific names, colors, chants, handsigns, styles, and symbols to identify themselves with.

⁶⁹ Entrevista concedida por Jung, Gil-Hwa. [Coreia do Sul, 29.01.2018]. Entrevistador: Camila Alonso Milani, 2018. Arquivo .mp4 (38,87min).

medidas para abertura política, entre elas, diminuição da censura, redução das restrições de viagem e a diversificação de sua economia. A abertura possibilitou o acesso à importação de produtos e mídias internacionais, entre eles, a música.

Para Jin e Kim (2016), a onda coreana possibilita uma série de recursos de *soft-power*⁷⁰ de ampla complexidade e impacto, e que podem ser desenvolvidos em vários setores, como na diplomacia cultural, turismo, pesquisas acadêmicas, entre outros. É possível verificar tal mudança de postura ao longo dos governos sul-coreanos no século XXI. De acordo com o Ministério da Cultura da Coreia do Sul, em 2019 o budget destinado para o setor cultural e Indústria Criativa do país foi de KRW\$ 1,89 trilhão. Como resultado, a Coreia do Sul nunca esteve tão evidência como na última década. Impulsionado pelo sucesso da *Hallyu*, o turismo no país asiático bateu recordes. De acordo com estatísticas do portal do governo sul-coreano Visit Korea, houve um crescimento de 8,8% nas visitas de europeus e 19,1% de brasileiros⁷¹. O interesse pela cultura coreana também está em alta, já são 33 Centros Culturais Coreanos espalhados pelo mundo todo, os quais oferecem cursos de língua, dança e culinária do país.

4. A subcultura K-popper e a renovação das identidades culturais

Pudemos observar ao longo das análises e dados apresentados, um grande revés no que tange a relação da Coreia do Sul com a sua identidade cultural. Durante a maior parte de sua história, o país sofreu com conflitos e guerras em seu território, bem como supressões culturais que atrasaram e reprimiram o reconhecimento da identidade coreana. Agora, a nação assume-se como grande exportadora de cultura popular e de forte influência nas relações internacionais, através do investimento público-privado em sua indústria criativa. “Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados” (Canclini, 1990: 89).

Segundo Hall (2011: 62) "as nações modernas são, todas, híbridos culturais", ou seja, todas as nações possuem elementos de outras culturas, não havendo uma cultura que não possua interferência de outras. Apesar de o autor argumentar sobre tais interferências elementares em relação às nações modernas, no que se refere à Coreia como um todo, foram milhares as interferências ao longo da história e que se refletem na concepção do que é a cultura e a identidade coreana até os dias atuais. Podemos ver o espelho deste raciocínio na culinária que muito se assemelha à

⁷⁰ Soft Power define habilidade de um corpo político de influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos. (The Means to Success in World Politics, 2004, online)

⁷¹Mais informações disponíveis em: <https://kto.visitkorea.or.kr/eng/tourismStatics/keyFacts/KoreaMonthlyStatistics/eng/inout/inout.kto> ou <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-vestiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>

chinesa, nos templos budistas que remontam às influências mongóis ou, até mesmo, no K-pop que muito se inspira nas “fofurices”⁷² das meninas japonesas – ainda que a musicalidade do (sub)gênero faça alusão à cultura pop norte-americana. Diferentemente da repressão e violência vivenciada ao longo dos séculos, a globalização é o elemento que, além de propiciar a integração entre diferentes culturas, incentiva a conectividade social. Deste modo, promove um leque de possibilidades de empatia e identificação, uma vez que viabiliza que os relacionamentos pessoais e experiências de vida sejam fatores determinantes para findar aspectos limitantes, como distância física e temporal. Portanto, as culturas e delimitações sociais pré-definidas passam a ser cada vez menos significativas.

Processos de hibridação englobam diversas misturas interculturais - não apenas as raciais às quais geralmente são limitadas à mestiçagem - e porque permitem incluir formas modernas de hibridação melhores que o "sincretismo", fórmula quase sempre referente a fusões religiosas ou movimentos simbólicos tradicionais. (Canclini, 1990: 15).⁷³

A busca pelo "pertencer" e pelo "ser aceito" adquiriu novos significados na medida em que a era pós-moderna foi se desenvolvendo, até a metade do século XX. O acesso aos mais variados tipos de cultura e tradições foi simplificado, até transformar-se em algo espontâneo.

À medida que a tradição e os costumes se aprofundam à escala mundial, a própria base da nossa identidade - a consciência de quem somos - altera-se. A identidade própria tem que ser criada e recriada numa base mais viva do que antes (Giddens, 2006: 24-53).

A partir destes processos de hibridação e no desejo de contestação iniciados pela busca de identidade, forma-se uma base comum entre indivíduos, que discutem e transformam hábitos que lhes são comuns. As relações sociais formadas em discordâncias e assimilações passam a se transformar em pequenas "sociedades" que possuem particularidades e ideologias compartilhadas. Assim como observado com o “movimento jovem” entre as décadas de 1960 e 1970 entre a elite universitária na Coreia do Sul, o K-pop, assim como outros elementos da *Hallyu*, nasceu do encontro de diferentes estilos e culturas e, agora, desperta não só identificação, mas

⁷² Em japonês: “Kawaii”, um adjetivo às características fofas ou meigas, podendo se referir a pessoas e coisas. Em coreano, o equivalente seria o “aegyo” que, apesar de também aludir às mesmas características, é um termo que se refere a comportamentos, atitudes e/ou expressões mais delicadas. Ver mais em “De Aegyo a Maknae: Dicionário do K-pop reúne principais expressões para entender o pop coreano” (2019). Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/24/de-aegyo-a-maknae-dicionario-do-k-pop-reune-principais-expressoes-para-entender-o-pop-coreano.ghtml>

⁷³ Texto original: (...) *procesos de hibridación. Prefiero este último porque abarca diversas mezclas interculturales - no solo las raciales que suele limitarse "mestizaje"- y porque permite incluir las formas modernas de hibridación mejor que "sincretismo", fórmula referida casi siempre a fusiones religiosas o de movimientos simbólicos tradicionales.*

necessidade de interação entre pessoas dos mais variados backgrounds e nacionalidades.

As relações e os processos sociais são então apropriados pelos indivíduos somente através das formas em que são representados a esses indivíduos. Estas formas, como nós vimos, não são de forma alguma transparentes. Eles estão envoltos em um "senso comum" que simultaneamente valida e os mistifica (Hebdige, 2002: 13).⁷⁴

As subculturas são marcadas por características comuns que irão diferenciá-las umas das outras. Elas vão de encontro ao senso comum da sociedade tradicional, onde culturas e costumes já pré-definidos perdem valor e significância (Guerra & Fernandes, 2022). A partir daí há o rompimento daquilo visto como "sociedade orgânica", ou seja, homogênea e integrada. A palavra que definirá, então, este conjunto de características é "estilo". Cada subcultura terá seu próprio estilo e compartilhamento de interesses comuns e, assim, resultarão identificações pessoais específicas. Desta forma, dão origem a hábitos e movimentos inerentes às ideologias e particularidades daquela comunidade. Mattos (2017: n/p) afirma que a música pop coreana é uma marca que trabalha na associação de sua imagem à cultura coreana e "em função deste imaginário de "korean cool" que influencia interesses e comportamentos Podemos dizer, portanto, que a partir da ótica de que os fãs de K-pop – independente de localização geográfica ou de cultura nata – juntam-se e identificam-se a partir da sensação de pertencimento e de ser aceite a um estilo de vida, formam uma espécie de subcultura, pois possuem gírias inerentes ao mundo do K-pop, sua própria moda e outros padrões comuns. Apesar de no mundo ocidental termos pouca clareza de distinção e percepção entre a amplitude de diversidades culturais presentes no continente asiático, pudemos perceber a importância da identidade cultural para a consolidação de uma nação. Por mais homogênea que a Coreia do Sul possa parecer, o país tem sua identidade marcada por hibridismos culturais há séculos. Com o contexto da globalização, o povo sul-coreano não apenas teve a oportunidade de posicionar-se perante o mundo e mudar sua imagem no âmbito internacional, como agora dita tendências e influencia indivíduos do outro lado do globo. Sem dominações forçadas ou violência, os sul-coreanos expandem não somente a sua força política e econômica, mas também, a potência da sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, Theodor (2002). *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Alves, André & Baravelli, Vivian (2019). *Tópicos avançados de marketing*. São Paulo: Editora Senac.
- Appadurai, Arjun (1996). *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.

⁷⁴ Texto original: Social relations and processes are then appropriated by individuals only through the forms in which they are represented to those individuals. These forms are, as we have seen, by no means transparent. They are shrouded in a 'common sense' which simultaneously validates and mystifies them.

- Aswords (2013). *KPOP: transmedia marketing like you've never seen before*. University of Mary Washington [consult. 28 de agosto de 2022]. Disponível em: <http://transmedia.umwblogs.org/2013/12/07/kpop-transmedia-marketing-like-youve-never-seen-before/>.
- Bloomberg Businessweek (2017). *The \$4.7 Billion K-Pop Industry Chases Its 'Michael Jackson Moment'* [consult. 21 julho 2020]. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-08-22/the-4-7-billion-k-pop-industry-chases-its-michael-jackson-moment#xj4y7vzkg>
- Canclini, Nestor García (1990). *Culturas híbridas*. Miguel Hidalgo: Editorial Grijalbo.
- Giddens, Anthony (2006). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- Hall, Stuart (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A Editora.
- Hebdige, Dick (2002). *Subculture: the meaning of style*. Londres: Routledge.
- Forbes. *Millions And Millions: Physical K-Pop Album Sales Stay Strong In 2020* [consult. 2 de outubro de 2020]. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/tamarherman/2020/10/12/millions-millions-physical-kpop-album-sales-stay-strong-in-2020/?sh=1fa4b03baaab>>
- Forbes. *K-Pop Album Sales Grow In 2020 Despite Corona Pandemic* [consult. 21 de julho de 2020]. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/tamarherman/2020/07/21/k-pop-album-sales-grow-in-2020-despite-corona-pandemic/?sh=69e192f34458>>
- Greve, Andrew Q. & Levy, Jack S. (2018). Power transitions, status dissatisfaction, and war: The Sino-Japanese War of 1894–1895. *Security Studies*, 27 (1), 148-178.
- Guerra, Paula & Alvarez-Cueva, Priscila (2021). 'Dio\$ No\$ Libre Del Dinero'. An essay on the crossovers between the post-feminist rhetorics and the (post)cultural industries in the work of Rosalía. *Cidades, Comunidades e Territórios*, Autumn Special Issue (Oct/2021), 60 – 74.
- Guerra, Paula & Fernandes, Ana Matos (2022). Crying Jellyfish. Capicua at the Crossroads of Artistic Labour and Critical Pedagogies during the Pandemic. *Education Sciences & Society*, vol.13, n.º1, 128-145.
- Guerra, Paula & Sousa, Sousa (2021). 'Ultimate bias. Memorabilia, K-pop and fandom identities. *Cidades, Comunidades e Territórios*, Autumn Special Issue (Oct/2021), 1 – 25.
- Jenkins, Henry (2015). *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph.
- Kim, Yeon-mi (2011). *K-pop: A new force in Pop Music*. Seoul: Korean Culture and Information Service Ministry of Culture, Sports and Tourism. Korea: Korean Culture and Information Service.
- Kim, Yoo Na (2008). *A Jovem Coréia*. São Paulo: SSUA Editora.
- Kim, Tae Young & JIN, Dal Yong (2016). Cultural policy in the Korean Wave: an analysis of cultural diplomacy embedded in presidential speeches. *International Journal of Communication*, 10, 5514-5534.
- Koudela, Pál & Yoo, Jinil (2014). The role of Korea in cultural transmission between China and Japan during the Three Kingdoms period. *Prague papers on the history of international relations*, 2, 8-21.
- Kwong, Hyuk-chan (2010). From Sanguozhi yanyi to Samgukchi: domestication and appropriation of Three Kingdoms in Korea. Tese de Doutorado. Columbia: Faculty of Graduate Studies, the University of British Columbia, EUA.
- Lee, Sook-Jong (2009). South Korea's soft power diplomacy. *Issue Briefing*, 1-18.
- Lew, Young Ick (2000). *Brief History of Korea. A Bird's EyeView*. New York: The Korea Society.
- Mattos, Thiago (2017). *K-pop Politics: o que a febre global da cultura popular sul-coreana pode nos ensinar sobre diplomacia cultural e política pública* [consult. 21 julho de 2020]. Disponível em: <https://othiagomattos.medium.com/k-pop-politics-o-que-a-febre-global-da-cultura-popular-sul-coreana-pode-nos-ensinar-sobre-efa708628abb>
- Milani, Camila & Guerra, Paula (2021). Rumo a uma Nova Torre de Babel. São Paulo K-Pop. *Fotocronografias. Dossiê Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências*, v. 07, n. 17, 76-89.
- Min, Pyong Gap (2003). Korean "Comfort Women" the intersection of colonial power, gender, and class. *Gender & Society*, 17 (6), 938-957.
- Niye, Joseph S. (2004). *Soft Power: The means to success in world politics*. EUA: PublicAffairs.
- Oh, Ingyu & Lee, Hyo-Jung (2014). K-pop in Korea: How the Pop Music Industry is changing a Post-Development Society. *Cross-Currents, East Asian History and Culture Review*, 9, 105–124.
- Rhode, Grant (2020). *Mongol Invasions of Northeast Asia Korea and Japan. Eurasian Maritime History Case Study: Northeast Asia Thirteenth Century*. Boston University. Disponível em: <https://www.asianstudies.org/wp-content/uploads/Case-Study-Mongol-Invasions-of-Northeast-Asia-1.pdf>

Senhoras, Elói & Ferreira, Rita de Cássia de Oliveira (2013). A Guerra da Coréia vista após sessenta anos de Armistício (1953-2013). *Conjuntura Global*, 2 (3), 133-139.

Suzuki, Kazuko (2003). The State and Racialization: The Case of Koreans in Japan. *Working Paper*, 69. Disponível em: <https://escholarship.org/content/qt1xf968nw/qt1xf968nw.pdf>

Visit Korea. *Key facts on tourism: Korea, Monthly Statistics of Tourism* [consult. 26 de agosto de 2022]. Disponível em: <https://kto.visitkorea.or.kr/eng/tourismStatics/keyFacts/KoreaMonthlyStatistics/eng/inout/inout.kto>.

Camila Alonso Milani. Mestre em ciências da comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Bacharel em jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564, Porto, Portugal. Email: milani.camilaalonso@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6075-9535.

Receção: 12-06-2021

Aprovação: 17-05-2022

Citação:

Milani, Camila Alonso (2022). K-POP: os reflexos do hibridismo cultural na identidade e na música popular coreana. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 5(1), pp. 133-148. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n1a6